

## **Relato de experiência: o processo de elaboração do projeto e atuação no Estágio Supervisionado em Música 1 na UnB/ EaD**

**Ruth da Rocha Paiva<sup>1</sup>**

[ruth.rpaiva@gmail.com](mailto:ruth.rpaiva@gmail.com)

**Ruth de Sousa Ferreira Silva<sup>2</sup>**

[ruthsousafs@gmail.com](mailto:ruthsousafs@gmail.com)

**Resumo:** Este relato de experiência busca descrever como foi o processo de atuação na disciplina Estágio Supervisionado 1, do curso de Licenciatura em Música na UnB/EaD. Dentre as dificuldades e os desafios encontrados, está elaboração de um projeto ‘musical’ para os alunos na escola. Autores como Mateiro e Souza (2006), Romanelli (2006), Souza (2004), dentre outros, muito contribuíram para a compreensão do que é um estágio em música, contribuíram ainda para a elaboração do projeto e para a atuação do estagiário no espaço escolar. Além disso, este projeto levou a reflexões sobre o estágio supervisionado da EaD, evidenciando alguns desafios do professor de música na escola.

**Palavras-chave:** estágio, projeto, planejamentos em música.

### **Introdução**

Este relato de experiência descreve o processo de elaboração do projeto e atuação nas aulas do Estágio Supervisionado 1, disciplina obrigatória no curso de Licenciatura em Música da UnB/ EaD, no período de março a julho de 2014. As aulas foram realizadas em turmas de terceiro ano do ensino fundamental 1 na escola Ilza Melo, na cidade de Rio Branco-Acre.

O estágio é considerado por Mateiro (2006, p. 17) como “ponto de partida da experiência de campo e em campo”, levando o estagiário à prática de ensinar música. Aprender a ensinar música passou a ser um desafio no estágio supervisionado conscientizando o aluno-estagiário sobre a importância de se preparar com leituras e discussões, e paralelamente elaborar um projeto e definir o planejamento de aulas, para depois, ir para a sala de aula.

Leituras e discussões de textos, disponibilizados na plataforma, foram imprescindíveis no processo de aprendizado sobre o que seria o ‘estágio’. Destes, destacaram-

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Licenciatura em Música da UnB/ EaD.

<sup>2</sup> Tutora à distância da disciplina Estágio Supervisionado em Música da UnB/ EaD.

se Mateiro e Souza (2006), Ribeiro (2008), Romanelli (2006), Del Bem e Hentschke (2003), Morato, Gonçalves (2006) e Souza (2004).

Porém, ao iniciar a elaboração do projeto de estágio, deparei-me com a dificuldade de escolher uma temática que tivesse alguma ligação com os alunos, nas respectivas turmas, como afirma Souza (2004, p. 9): “na relação entre as pessoas e música está o desafio que permeia o trabalho cotidiano de tantos professores, na constante busca do aprendizado que encontre ressonância na vida dos alunos”.

Quando pensamos em aulas de música para escola de ensino regular, surgem muitas questões: a escola tem uma estrutura básica para isso? Tem acervo literário disponível? Tem instrumentos musicais disponíveis para todos os alunos? Tem uma sala adequada, que não incomode as demais turmas com o som produzido? No caso desse estágio, a resposta é não. Mas então, como dar aulas de música em uma realidade como esta? Como pensar e planejar as aulas para os alunos nesse espaço escolar?

De acordo com Romanelli (2006, p. 131), o planejamento no estágio é “uma atribuição do professor que consiste na sistematização do ensino para desenvolver situações educativas, por meio da previsão das ações docentes”. Este autor coloca a importância de se conhecer o espaço de atuação por meio das observações, se perguntando o que faria de diferente se estivesse no lugar do professor (ROMANELLI, 2006, p. 134).

A seguir, apresento como se deu o processo de elaboração do projeto, a construção dos planos de aulas, as práticas do estágio em si e as mudanças que ocorreram durante a atuação na escola.

## **O projeto de estágio e os planejamentos**

A partir da observação, foi possível conhecer melhor as turmas nas quais iria atuar, bem como os materiais poucos disponíveis na escola, que poderiam ser utilizados como ferramentas de ensino. Nesse momento, também busquei concentrar meu olhar na atuação das professoras das turmas, ou seja, que tipo de linguagem elas utilizavam com os alunos e como se relacionavam com eles. Percebi que lidar com uma turma de muitos alunos é um desafio, e esta questão nos leva a ter que decidir também sobre o que trabalhar com uma turma numerosa de forma a envolver todos os alunos por meio de atividades e conteúdos que os motivem a participar da aula.

O próximo passo foi a escolha do tema do estágio, que foi alcançado por intermédio do repensar várias vezes até encontrar um que se adequasse aos perfis das turmas e ao que gostaria de trabalhar. No início, senti-me perdida pela falta de experiência em trabalhar com ensino fundamental I. Pensei em várias atividades que pudessem ser possíveis de contemplar nas aulas, como a sonorização de uma história, percussão corporal, canto, construção de instrumentos musicais reciclados, dentre outras. Compreendi que o tema de estágio não é apenas ‘juntar’ atividades, mas, sim, que elas devem estar dentro de uma proposta maior.

As ideias também foram surgindo a partir de encontros via *Skype* com minha tutora à distância, que depois de eu colocar o que pretendia, sugeriu a criação de uma trilha sonora com os alunos. A partir desse processo foi que nasceu o tema “*Criação de trilha sonora para uma história: uma proposta para musicalização infantil*”, e assim foi definido o tema.

Quando são planejadas aulas de música para as séries iniciais, como em qualquer outra série, é imprescindível considerar as preferências musicais dos alunos, aquilo que faz parte do seu cotidiano e que favorece na compreensão da proposta pedagógica.

A justificativa do projeto foi a possibilidade do ensino da música na escola ser inserido nos projetos interdisciplinares da escola como a literatura e as artes.

A sonorização de uma história foi uma escolha pertinente para este projeto, visto que ampliou a possibilidade de participação dos alunos, aproveitando suas vivências, como afirma Werle (2011, p. 90): “As histórias sonorizadas são uma possibilidade para o trabalho com música [...] podem aguçar ainda mais a imaginação e a criatividade”. Segundo essa autora, neste tipo de atividade podem ser utilizados tanto instrumentos musicais convencionais como não convencionais, além da voz, do corpo ou outros objetos sonoros.

Os planejamentos das aulas seguiram a estrutura do estágio, são oito aulas divididas em dois módulos, com quatro aulas em cada módulo. Vale ressaltar que, a construção do projeto e o planejamento das aulas, foram elaborados previamente ao estágio, porém, foram acontecendo algumas mudanças à medida que as aulas aconteciam (ROMANELLI, 2006), pois nem sempre o que está planejado é possível executar, seja por falta de tempo ou pela resposta dos alunos no processo das atividades.

## **Descrição das aulas**

Durante as observações, conversei com os alunos e eles afirmaram que gostavam também de músicas infantis. Como a história escolhida para sonorização tinha como personagem principal o sapo, escolhi músicas infantis com temáticas relacionadas ao sapo. Assim, a composição desse repertório foi com base na preferência musical dos alunos.

De início, apresentei o repertório musical do projeto: “*O sapo se mudou*”, “*O Sapo Jururu*” e “*O sapo não lava o pé*”, canções de domínio público e que muitos já conheciam. Aqueles que não conheciam foram aprendendo no processo das aulas.

Busquei estimular a criatividade e as habilidades expressivas nas crianças, trabalhando conceitos musicais, como: ritmo, timbre, altura, duração e outros. Utilizei sons, imagens e vídeos que ilustrassem o que são as propriedades do som, levando à descoberta de possíveis materiais sonoros, com os quais iríamos trabalhar. Também foram apresentados alguns instrumentos musicais como: guitarra, violão, teclado, saxofone, flauta, acordeão, dentre outros.

Como atividade auditiva, ouvimos os sons desses instrumentos, para que os alunos, em seguida, identificassem o timbre deles apenas ouvindo o som. Ademais, também desenvolvemos exercícios de percussão corporal, no intuito de as crianças descobrirem que, além da voz, e daqueles instrumentos apresentados, o corpo pode ser uma excelente ferramenta de execução musical, por meio da combinação dos sons.

A proposta inicial era fornecer, a cada grupo, pelo menos um instrumento musical convencional, como: pandeiro, triângulo, agogô e outros, mas como o número de instrumentos era reduzido, esta não seria uma boa estratégia. Assim, criei instrumentos alternativos, utilizando latas, garrafas pet, caixas de leite, palitos de churrasco, copos de iogurte, sementes e outros materiais recicláveis, que produziram boa sonoridade. Contudo, nesta atividade, não foi possível criar tais instrumentos junto aos alunos, porque não dispúnhamos de tempo suficiente para tal; ainda que isso fosse interessante de se mostrar aos alunos, apresentando a eles as várias possibilidades do fazer musical.

Quando apresentei estes instrumentos de materiais recicláveis para os alunos, pedi a eles que escolhessem o que mais lembrava o som de um sapo e estes escolheram o reco-reco, feito, inicialmente, com uma garrafa de iogurte. Como o personagem principal da história deveria ter um destaque maior, confeccionei um instrumento parecido com o reco-reco, mas feito com várias garrafas-pet, enfileiradas e cortadas com tamanhos diferentes. Ao apresentar

o novo instrumento musical aos alunos, eles logo identificaram o som do sapo, que foi batizado durante as aulas de “sapofone”.

Para trabalhar a construção da trilha sonora, a estratégia inicial foi dividir a turma em grupos de cinco alunos. Cada grupo seria responsável por criar os sons de um determinado trecho da história. Tão logo entreguei os instrumentos musicais aos grupos e iniciamos esta atividade, pensei que não fosse dar certo, pois eram muitos alunos trabalhando em cada grupo e eles se dispersavam facilmente. E ainda demonstravam que não estavam conseguindo criar sua estrutura sonora, e nem se organizarem em grupos. Mudando a estratégia, propus para que todos trabalhassem em conjunto com toda a turma. Apontei algumas possibilidades de sonorização, mas deixei-os à vontade para decidirem qual o melhor caminho. Os alunos criaram a trilha sonora da história infantil “*A viagem do sapo*”, cantando e tocando os instrumentos, as suas próprias criações rítmicas. Quando da utilização dos instrumentos alternativos, eles experimentaram não somente novas possibilidades sonoras, mas percebiam que os instrumentos possuíam qualidades sonoras específicas, diferenciadas pelo timbre e altura.

No início, senti-me bastante insegura, pois temia não saber como lidar com essa faixa etária, que exige uma linguagem e um tratamento específicos. Faltava-me tal experiência. Minha maior preocupação era se eles iriam compreender os conceitos, as atividades e se conseguiriam ao final apresentar um resultado.

Algumas perguntas me vinham à mente durante as observações: Como lidar com 30 crianças dentro de uma sala pequena? Como fazer música com elas sem instrumentos musicais? Como chamar a atenção delas e despertar o interesse em aprender música? Como fazer com que elas me compreendessem? Como lidar com o mau-comportamento?

Constatarei que, a aula bem planejada é, sem dúvida, um começo para se obter bons resultados. Isso não significa que se houver planejamento o sucesso já está garantido. O professor poderá planejar sua aula contando com diversas ferramentas a serem utilizadas em suas aulas, mas é possível que ele não tenha os recursos disponíveis que gostaria de utilizar e, neste caso, terá que ter sempre um “plano b”.

Acontece também, como foi o caso desse estágio, de o aluno-estagiário planejar uma determinada metodologia para a aula, como dividir a turma em grupos, a fim de cada um trabalhar um trecho de uma trilha sonora e, no entanto, os alunos não conseguirem realizar a

atividade proposta. Neste caso, o professor deve estar atento à necessidade de mudanças durante o processo das aulas, pensando nos alunos, e não apenas em seu planejamento.

À medida que os desafios vão surgindo, também apontam-se novas possibilidades, de aprender e de crescer. A questão da indisciplina nas aulas de música, da falta de atenção e de todos os outros problemas que ocorrem dentro da sala de aula, por exemplo, são superáveis se o professor tiver disposição, criatividade e amor pelo que faz. Isso não se adquire nem se constrói em apenas oito aulas, como foi nesse estágio, mas esse é um começo para o crescimento, pois se constrói em parceria. No nosso caso, tal parceria deu-se entre a escola (professores, coordenadores e alunos) e a UnB/EaD (alunos-estagiários, tutores e professores).

Cada aula foi planejada de modo a dar condições aos alunos para compreenderem conceitos musicais e utilizarem-nos na prática. Isso pôde ser constatado não somente por mim ou pelos tutores e professores, mas pelos próprios alunos, que demonstraram entusiasmo ao se apresentarem para outras turmas; pelos alunos que assistiram a apresentação; e pela própria professora da turma, coordenadores e direção da escola.

### **Considerações finais**

A realização desse projeto de estágio foi além do cumprimento de uma simples demanda do curso de música na disciplina de Estágio Supervisionado. Dentre muitos fatores relevantes que foram somados à minha vida, enquanto acadêmica, posso destacar o compartilhamento de experiência entre os colegas do curso, o processo de aprendizagem junto à tutoria na EaD, as relações amigáveis que construí na escola com professores e coordenadores e, principalmente, a satisfação dos alunos em aprender e fazer música.

Um dos desafios do aluno estagiário, quando inicia esta disciplina, é aprender a ser um professor de música, desde o pensar a elaboração do tema de estágio, o projeto, os planejamentos e as atuações, lembrando que a maioria dos alunos-estagiários não tiveram experiências com o ensino de música na escola.

Nessa linha, o estágio supervisionado foi um elemento chave na construção de conhecimentos relacionados ao ensino e à aprendizagem musical, pois propiciou uma autoanálise das tomadas de decisão, do que deu certo e/ou não nas aulas, e até mesmo o porquê desses resultados positivos ou negativos.

Nessa realidade da educação à distância, é importante somar as interações com a tutoria, que apesar da distância física, contribui de maneira relevante no processo, auxiliando-nos, enquanto estagiários, a encontrar os melhores caminhos a serem percorridos nessa etapa do curso.

Como anuncia Souza (2009, p. 7) “a aprendizagem pode ser vista como um processo no qual – consciente ou inconsciente – criamos, sentimos e fazemos o mundo possível”, ou seja, como alunos na disciplina Estágio Supervisionado em Música na EaD, buscamos meios e possibilidades diversas de criar o fazer musical a cada experiência.

## Referências:

DEL BEN, Luciana; HENTSCHKE, Liane (Org.). **Ensino de música**: propostas para agir e pensar em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.

MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Org.). **Práticas de ensinar música**: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORATO, Cintia, GONÇALVES, Lilian Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mãos do que ver. **In**: MATEIRO, Teresa, SOUZA, Jusamara (Org.). Práticas de ensinar música. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RIBEIRO, Sônia Tereza da Silva. O rap e a aula: tocando nas diferenças... **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 19, 129-135, março, 2008.

ROMANELLI, Guilherme G. B. Planejamento de aulas de estágio. **In**. Práticas de ensinar música. Org. Teresa Mateiro e Jusamara Souza. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOUZA, Jusamara (Org.). **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, nº 10, março de 2004.

WERLE, K. Sonorizando histórias e discutindo a educação musical na formação e nas práticas de pedagogas. **Música na Educação Básica**, v. 3, n. 3, p. 84-95, 2011.